

GÊNERO NA ESCOLA: percepções e prática docente ¹

Anne Karoline Bezerra Dias

Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, pela Universidade Federal do Maranhão.
Professora da rede básica de ensino dos municípios Itapecuru-Mirim e Santa Rita (MA).

Tatiane da Silva Sales

Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Doutoranda em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Docente da Universidade Federal do Maranhão.

RESUMO

Este trabalho fora desenvolvido como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (CEGeDE/ UFMA), no ano de 2014. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, que buscou compreender como as professoras da educação infantil e das séries iniciais da Unidade Integrada Cônego José Albino Campos, situada na BR 135, KM 85, no povoado São Francisco, município de Itapecuru-Mirim, percebem as questões de gênero e influenciam (ou não) na construção de identidades e nas relações de gênero entre seus alunos e suas alunas, a partir do trabalho pedagógico em sala de aula. Tal estudo fundamenta-se em abordagem teórica e análise de dados sob a luz das contribuições de Butler (2003), Louro (2002), Abramovich (1997), Hall (2002), entre outros.

Palavras-chave: Gênero. Identidade. Prática docente.

INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero foram engendrados a partir dos movimentos libertários dos anos 1960, como as revoltas estudantis de maio em Paris, o movimento hippie, movimento gay, entre outros, que compartilhavam de um objetivo: lutar por uma vida melhor, mais justa e igualitária. Neste contexto, surgiu a problemática gênero, quando as mulheres que deles participavam, notaram que apesar de estarem na militância juntamente com os homens, raramente eram chamadas para exercer liderança ou fazer um discurso em público, sendo limitadas aos papéis secundários.

Dessa forma, os movimentos feministas despontaram questionando a condição da mulher na sociedade. No campo acadêmico, deu-se início a inúmeras pesquisas que foram e ainda são realizadas no sentido de compreender opressões, violências e silenciamentos sofridos pelas mulheres ao longo da História, e mais recentemente, os estudos de gênero assinalam como as identidades e relações de gênero são construídas na e pela cultura, como padrões e papéis sexistas são estabelecidos pela sociedade.

¹ Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal do Maranhão

Assim, surgiram diversos grupos de estudos e pesquisas que buscam dar visibilidade a mulher na sociedade, compreender e minimizar os preconceitos e as discriminações de gênero, dentre outras. Na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), por exemplo, podemos destacar o Grupo de Estudos sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe) e os Cursos de Aperfeiçoamento e de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE e CEGeDE).

Foi durante a aula inaugural do CEGeDE, em 2014, quando a professora palestrante Dra. Diomar Motta, também coordenadora do GEMGe, refletiu sobre a construção das identidades de gênero e práticas pedagógicas seculares, que insistem em determinar que azul seja cor de homem, e rosa de mulher, que sujeitos masculinos devem brincar de luta e com carros e sujeitos femininos com bonecas e de “casinha”, que fomos instigadas a estudar esse processo de construção social das identidades e das relações de gênero, a refletir sobre quais artefatos culturais² a sociedade tem utilizado para estabelecer e reger o gênero de cada pessoa, de acordo com o modelo binário hegemônico³ e com a heteronormatividade⁴.

Neste sentido, como pré-requisito para a conclusão do CEGeDE, fora desenvolvido o presente trabalho que objetivou compreender como as professoras da educação infantil e das séries iniciais da Unidade Integrada Cônego José Albino Campos, localizada no município de Itapecuru-Mirim (MA), percebem as questões de gênero e como influenciam (ou não) na construção de identidades e nas relações de gênero entre seus alunos e suas alunas, a partir do trabalho pedagógico em sala de aula.

2 O PAPEL DO/A PROFESSOR/A DIANTE DAS QUESTÕES DE GÊNERO: práticas discursivas e produção de sentidos

Nas disciplinas cursadas no CEGeDE foram bastante discutidas a importância da formação de professores/as e o papel que eles/as devem exercer, uma vez cientes das questões étnico raciais,

²**Artefatos culturais**, segundo Schein (2009) constituem o nível mais superficial da cultura, configurando as estruturas e os processos organizacionais e as manifestações visíveis, que incluem a linguagem, propagandas, livros, filmes, músicas, moda etc. Os artefatos culturais são mecanismos e objetos criados pelo homem para produzir e/ou reproduzir valores, crenças e ideologias que influenciam na vida, nos objetivos e nos comportamentos das pessoas.

³Entende-se por **modelo binário hegemônico**, o jeito de ser e agir que se constitui como referência socialmente legitimada para a vivência do masculino e do feminino (BUTLER, 2003).

⁴**Heteronormatividade** - termo que se refere aos ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero que são admitidos como normais ou aceitáveis aqueles ajustados ao par binário masculino/feminino. Desse modo, toda a variação ou todo o desvio do modelo heterossexual complementar macho/fêmea – ora através de manifestações atribuídas a homossexualidade, ora a transgeneridade – é marginalizada/o e perseguida/o como perigosa/o para a ordem social. (GDE, 2009).

de sexualidade e de gênero, para combater práticas sexistas, racistas, homofóbicas, discriminatórias e preconceituosas que permeiam o nosso cotidiano.

2.1 O locus da pesquisa e os sujeitos contemplados

Esta pesquisa, realizada nos meses de outubro e novembro de 2014, contemplou as professoras da educação infantil e das séries iniciais de 1º ao 5º ano, da Unidade Integrada Cônego José Albino Campos, cujo perfil profissional (com nome fictício) de cada uma será apresentado a seguir: **Jasmim** atua no 3º período da educação infantil, cursou o Magistério pelo Centro de Ensino para o Magistério Procópio Inácio; **Rosa** é professora do 2º ano, graduada em Pedagogia pelo CEERSEMA (Centro Ecumênico de Estudo Religioso do Estado do Maranhão), não possui pós-graduação; **Acácia** trabalha com a turma do 3º ano, graduada em Pedagogia pelo CEERSEMA, cursa pós-graduação em Psicologia Clínica e Institucional com Educação Especial, na FAEME (Faculdade do Meio Norte); **Dália** atua no 4º ano, tem formação superior em Pedagogia, pela Universidade Vale do Acaraú, não possui pós-graduação e **Margarida** é professora da turma do 5º ano, cursou Magistério na Escola Leonel Amorim.

2.2 A percepção das professoras em relação à temática gênero

Inicialmente, procuramos saber que concepção de gênero as professoras traziam consigo, e os resultados foram os seguintes:

Quadro 1: Concepções de gênero apresentadas pelas professoras

| RESPOSTAS | |
|----------------------------|---|
| CONCEPÇÃO DE GÊNERO | <p>“aquisição da identidade no que diz respeito à sexualidade e as questões referentes à reprodução humana”. (JASMIM)</p> <p>“é questão de ser masculino ou feminino”. (ROSA)</p> <p>“gênero se refere ao jeito masculino e feminino”. (ACÁCIA)</p> <p>“gênero pode ser a divisão que engloba as obras literárias de características semelhantes”. (DÁLIA)</p> <p>“é como você se vê enquanto homem ou mulher, se tem jeito masculino ou feminino”. (MARGARIDA)</p> |

Fonte: pesquisa empírica, organizado pela autora.

A professora Jasmim associou identidade de gênero à sexualidade, inclusive à reprodução humana, levando em consideração apenas a dimensão biológica. No entanto, sabemos que o próprio

conceito de gênero, formulado nos anos 1970, com influência do movimento feminista, foi criado para distinguir a dimensão social da dimensão biológica. Há machos e fêmeas na espécie humana, porém a maneira de ser homem ou mulher é realizada pela cultura, não sendo de nenhuma forma decorrência da anatomia de seus corpos.

Segundo os PCNs (Brasil, 1997, p.117),

[...] a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. [...] Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural.

Identidade de gênero diz respeito a como os sujeitos se identificam como seres masculinos e femininos, e essa identificação pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Uma pessoa pode nascer com genitália masculina e apresentar uma identidade de gênero feminina. Por outro lado, identidade sexual relaciona-se à construção através das quais os sujeitos vivenciam os afetos, desejos e prazeres corporais, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou solitárias.

A identidade sexual também não é fixa nem imutável: uma mesma pessoa, ao longo de sua vida, pode apresentar mais de uma identidade sexual, ou seja, ser heterossexual, isto é, sentir atração física e emocional pelo sexo/gênero oposto, homossexual, sentir atração física e emocional pelo mesmo sexo/gênero ou bissexual, sentir atração física e emocional tanto pelo sexo/gênero oposto quanto pelo mesmo sexo/gênero. (GDE, 2009)

Enquanto a professora Dália se deteve ao conceito de gênero como categoria *gênero textual*, as demais professoras (Rosa, Acácia e Margarida) foram unânimes em dizer que gênero se refere ao “jeito de ser masculino e feminino”. Isso demonstra que há uma expectativa social em relação ao modo como meninos/ homens e meninas/mulheres devem se comportar seja na família, na escola, na vida amorosa, entre outras instituições sociais; pois o gênero é construído na e pela cultura, que simboliza as atividades, maneiras de ser e agir como masculinas e femininas.

Em seguida, perguntamos se **as professoras já pararam para pensar em gênero, nas diferenças e relações entre gênero dentro da escola?** Segue um recorte das respostas colhidas.

Quadro 2: O olhar das professoras para as questões de gênero na escola.

| RESPOSTAS | |
|-------------------------|---|
| GÊNERO NA ESCOLA | <p>“Sim, quando penso por que os meninos são mais agitados que as meninas? (...) As meninas nos obedecem e são mais carinhosas”. (JASMIM)</p> <p>“Sim, quanto à opção sexual. Já reparei dois alunos que tem um jeito afeminado”. (ACÁCIA)</p> <p>“Sim, já parei pra pensar que só tem professora que trabalha na educação infantil. Tenho um sobrinho que está fazendo Pedagogia e quer trabalhar na alfabetização”. (MARGARIDA)</p> |

Fonte: pesquisa empírica, organizado pela autora.

A professora Jasmim atentou para a diferença de comportamento de meninas e meninos. Segundo Biagio (2005, p. 33), historicamente, criou-se o conceito perante a sociedade de que

Os meninos vestem azul, são bagunceiros, objetivos e racionais, gostam de aulas de matemática e se dão melhor nos esportes. Meninas preferem rosa, são organizadas, mais sensíveis, tem mais disciplina e se destacam na língua portuguesa. Quantas vezes você já não ouviu, disse ou pensou uma destas frases?

Esses conceitos se iniciam na infância e muitas vezes são produzidos e reproduzidos pelos/as professores/as, pelo pai, mãe etc. Estabeleceu-se, historicamente, no âmbito social uma distinção das ações, gestos, papéis, comportamentos e atribuições de cada gênero, havendo repressão das manifestações de sensibilidade, intuição e meiguice por parte dos meninos ou de objetividade e agressividade por parte das meninas. No entanto, pensar em gênero implica entendê-lo enquanto um processo que não diferencia apenas homens de mulheres, mas homens de homens e mulheres de mulheres (Louro, 2002).

Acácia voltou-se para a sexualidade e ao mencionar “jeito afeminado”, nos levou a constatar que não só as práticas pedagógicas cotidianas, mas o discurso dos/as docentes pode estar permeado de preconceitos de gênero, demonstrando que tais temas não devem ser tratados como parte do currículo. E Margarida nos deu uma boa contribuição ao citar a escolha profissional, que sendo fruto de construção histórica, havia uma demarcação maior dos espaços de atuação profissional baseados da diferenciação dos gêneros.

2.3 O trabalho docente com as questões de gênero na escola

Neste subitem trabalhamos com as indagações que tem como foco a prática docente das professoras com as questões de gênero. Deste modo, procuramos saber se **as professoras já trabalharam com as questões de gênero em suas salas de aula? De que maneira?** Somente duas professoras afirmaram que já trabalharam com as questões de gênero. Vejamos:

Quadro 5: Prática docente e gênero

RESPOSTAS

PRÁTICA DOCENTE E GÊNERO

“Já trabalhei, assim, falando pra eles, mas num momento de aula normal (...) quando um aluno puxou o cabelo da colega” (ACÁCIA) / “Trabalhei com aquele livro (Feminina de menina, masculino de menino) com essa turma do 5º ano (...) O livro veio do MEC e diz que era pra ajudar na alfabetização (...), E eu ia lendo, mostrando as ilustrações e perguntava se eles concordavam com o que tinha no livro”. (MARGARIDA)

Fonte: pesquisa empírica, organizado pela autora.

Observamos que, de forma bem natural, Acácia contemplou a temática “gênero”, ao intervir em uma situação de agressão física, sendo assertiva ao combater comportamentos violentos, rompendo também com a assimetria de gênero. Margarida, por sua vez, relacionou o seu trabalho com o tema na literatura infantil, quando fez uso do livro “Feminina de menina, masculino de menino”, da escritora Marcia Leite, editora Casa da Palavra, para discutir sobre diferenças entre modos de ser de meninos e meninas, estimulando uma problematização sobre o assunto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação direcionada para a igualdade de gênero e para a diversidade poderia ser a solução para a erradicação de preconceitos, discriminações, e até mesmo de violências entre gêneros. Precisamos olhar com criticidade para o discurso e atitudes que (re) produzimos, para os artefatos culturais que utilizamos a favor de nossas práticas em sala de aula e em outros espaços que envolvem as nossas vidas, uma vez que as questões de gênero estão presentes no nosso cotidiano de forma tão naturalizada ao ponto de não conseguirmos perceber o quanto reforçamos alguns comportamentos sexistas, homofóbicos, misóginos, principalmente, nas crianças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BIAGIO, Rita de. Meninas de azul, meninos de rosa. **Revista Criança: do Professor de Educação Infantil**. Brasília, p. 33-37, Setembro, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Sujeito e História)

GDE – **Gênero e Diversidade na Escola**. Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.